

## **Oficina de podcast como ferramenta de empoderamento: o impacto dessa prática em um grupo de adolescentes vítima de ESCCA<sup>1</sup>**

Dario Brito ROCHA JÚNIOR<sup>2</sup>

Giovanna Lacerda DANTAS<sup>3</sup>

Ana Carolina dos Santos Oliveira BOTELHO<sup>4</sup>

Manuela Santos MAIA<sup>5</sup>

Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

### **RESUMO**

Esse trabalho tem como objetivo discutir, a partir de considerações sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, de dados sobre a Exploração Sexual e Comercial de Crianças e Adolescentes e da comunicação como ferramenta para reflexão sobre Direitos Humanos, uma Oficina de Podcast realizada pelo Laboratório de Comunicação da Unicap com adolescentes vítimas, sobreviventes e/ou em risco de ESCCA do Recife. Ela mostrou-se prática capaz de suscitar empoderamento no grupo atendido e apresentar outra perspectiva. Através de entrevistas, chegamos a três perfis de reação à vivência ofertada.

**Palavras-chave:** ECA; ESCCA; Comunicação e DH; Podcast; Empoderamento.

### **1. Dos direitos das crianças e adolescentes: o ECA**

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece de forma inequívoca a responsabilidade compartilhada na promoção e proteção dos direitos fundamentais das crianças e adolescentes. Ao destacar que é dever da família, comunidade, sociedade em geral e poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação de amplo conjunto de direitos, o dispositivo reforça a necessidade de uma abordagem abrangente e colaborativa. Dentre os direitos fundamentais a serem assegurados, encontram-se os direitos ao respeito e à dignidade, conforme reafirmado no art. 4º do ECA. Em seu art. 17, dispõe que “direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente”, enquanto o art. 18 assevera ser “dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”.

---

<sup>1</sup> Resumo Expandido apresentado no GT 16 – Processos Midiáticos, Infâncias e Juventudes, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal – RN.

<sup>2</sup> Professor/pesquisador dos Programas de Pós-Graduação em Indústrias Criativas (PPGIC) e em Ciência da Linguagem (PPGCL) e dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Jogos Digitais, da Escola de Comunicação, da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Orientador deste trabalho. E-mail: [dario.brito@unicap.br](mailto:dario.brito@unicap.br)

<sup>3</sup> Aluna do 4º período do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Bolsista Pibic CNPq. E-mail: [giovanna.00000845308@unicap.br](mailto:giovanna.00000845308@unicap.br)

<sup>4</sup> Aluna do 7º período do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Bolsista de Pesquisa Prouni-PE. E-mail: [ana.00000829529@unicap.br](mailto:ana.00000829529@unicap.br)

<sup>5</sup> Aluna do 5º período do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). E-mail: [manuela.2020105073@unicap.br](mailto:manuela.2020105073@unicap.br)

Para Castro e Macedo (2019), o ECA é um dispositivo legal de ampla proteção, deixando evidente a necessidade de priorizar suas necessidades e demandas. No entanto, o Brasil falha em desenvolver dispositivos para que essas definições sejam compreendidas e aplicadas. Ainda que o ECA derive de muitas lutas visando a proteção das crianças e adolescentes, o processo não está completo: mais do que haver uma lei é preciso que ela se cumpra, caso contrário perde sua efetividade e valor para o público que deveria estar sob proteção do Estado e da sociedade de forma geral (NALI et al., 2021).

## **2. Da Exploração Sexual e Comercial de Crianças e Adolescentes**

O Brasil somou 202,9 mil casos de violência sexual contra crianças e adolescentes nos últimos sete anos, segundo dados do Ministério da Saúde (2023). São, em média, 80 vítimas/dia. A prática ocorre com maior frequência nas camadas pobres, onde crianças e adolescentes se veem explorados sexualmente não apenas pela pobreza, mas também porque vivenciam ou vivenciaram situações dentro de casa, o que resulta no abandono do lar e submissão à exploração sexual, até pela própria família (BARBOZA, 2015).

Libório (2005) ressalta que, além da violência estrutural e social, existem outras violências relevantes. Destacam-se: a enfrentada no ambiente doméstico, manifestada em diversas formas; quebra de laços familiares, temporária ou permanente, em idade precoce; e a consequente migração para as ruas. A realidade expõe jovens à urgência de suprir não apenas necessidades básicas, mas também demandas da sociedade de consumo. As principais violações de direitos contra eles são exploração econômica (trabalho infantil), negligência, abandono, e violências física, sexual, psicológica e institucional, segundo dados da Rede ECPAT Brasil (2024). A existência da exploração sexual deve ser entendida como relação comercial potencializada por desigualdades econômicas/sociais existentes na sociedade capitalista, atravessada pela pobreza, exclusão e desemprego. A legislação brasileira prevê que crianças e adolescentes são indivíduos em “condição peculiar de desenvolvimento”, sendo, portanto, vítimas em qualquer situação de violência sexual. Por isso, o autor da agressão tem inteira responsabilidade pela violência.

## **3. Da comunicação como ferramenta para a reflexão sobre Direitos Humanos**

Direitos fundamentais são princípios básicos que visam garantir liberdade e dignidade de cada indivíduo na sociedade. Desde as pequenas relações interpessoais até

as mais complexas, o canal comunicativo é o grande pilar da nossa teia social, associado aos nossos ideais e consciência. Nesta lógica, Marx e Engels (2007) conceituaram que: “A linguagem é tão antiga quanto a consciência – é a consciência real, prática, que existe para os outros homens e, portanto, existe também para mim mesmo; e a linguagem nasce, como a consciência, da necessidade de intercâmbio com outros homens” (p. 43).

A comunicação pode ser utilizada como ferramenta de enfrentamento à violência por diversas circunstâncias. O autoconhecimento e a verbalização de vivências incentivam a conexão coletiva e resolução de problemas que processos interpessoais proporcionam. A identificação e representatividade conseguem abrir um espaço de reflexão sobre esta sociedade tão marcada por preconceitos e repressões. O saber acadêmico acaba tomando a centralidade na argumentação da comunicação midiática e saberes populares e ancestrais são muitas vezes invalidados, traçando um limiar político e econômico no acesso a essa informação para muitas camadas da nossa sociedade.

De acordo com Boaventura de Sousa Santos, o conhecimento humano não deve ser visto como monolítico ou hierárquico, ele deve ser disseminado respeitando e reverenciando a diversidade dos saberes. Possibilitar uma ecologia de saberes em nossa sociedade significa valorizar os diferentes tipos de conhecimentos presentes em diferentes comunidades, potencializando esse diálogo povos muitas vezes marginalizados pelo sistema dominante. A informação, segundo Foucault apud Araújo (1992, p. 20), é o *locus* do poder e saber; com isso é possível através da informação transformar relações de poder, pois com novos conhecimentos é provável a alteração de uma vida.

#### **4. Dos aspectos metodológicos do projeto, da oficina e da coleta de dados**

Intervenções não-clínicas e ambientes residenciais onde há conhecimento sobre traumas podem desempenhar um papel importante para ajudar crianças e adolescentes a se curar e se recuperar de eventos traumáticos (Bath, 2008; Muraya & Fry, 2016). Nesse sentido, o projeto Clínica Multidisciplinar e Laboratórios Humanitários de Combate ao ESCCA, desenvolvido na Unicap desde 2023 apresenta-se como iniciativa importante.

Dividido em cinco laboratórios (saúde; cidadania; direito e políticas públicas; comunicação e inovação), o programa recebe semestralmente, na Universidade, cerca de 30 adolescentes (14 a 17 anos) matriculadas na rede pública em comunidades de baixa renda que façam parte do perfil sobreviventes, inseridas ou em risco de ESCCA. Elas são

atendidas nas áreas de psicologia, fisioterapia, medicina, serviço social, etc., em sistema de rodízio, por uma equipe multidisciplinar formada por 14 professores e 40 estudantes.

Com o desenvolvimento do Laboratório de Comunicação, entre os meses de agosto e novembro de 2023, a Oficina de Podcast (experiência que proposta para as 28 atendidas pelo programa naquele período) apresentou o tema “*Mulheres na Ciência*”. Além da coleta de resultados, havia como intuito criar um ambiente seguro, que não favorecesse a revitimização e que, sobretudo, oferecesse o apoio para cada participante, sugerindo uma possibilidade de carreira a seguir dentro do campo da comunicação.

A oficina foi desenvolvida ao longo de cinco encontros semanais, seguindo um roteiro pré-estabelecido pela equipe do Laboratório. No primeiro, as adolescentes entraram em contato com dados que revelavam a desigualdade entre homens e mulheres no campo da pesquisa científica, incentivadas a pensar criticamente sobre o tema.

No encontro seguinte, visitaram os laboratórios de quatro cientistas de destaque da Universidade (Roberta Richard, biologia; Eliana Monteiro, engenharia civil; Marina Barros, fisioterapia; e Leonie Sarubbo, química) e puderam conhecer seu dia a dia. No terceiro encontro, passaram por uma oficina para criação de roteiro de entrevistas em podcast com a profa. convidada Andréa Trigueiro. No penúltimo encontro, entraram no estúdio de rádio e entrevistam as cientistas, experimentando o papel de apresentadoras. No quinto encontro, ouviram o programa editado e finalizado, refletindo sobre o processo.

Ao fim das atividades, optou-se por coletar depoimentos das participantes por meio de entrevistas semiestruturadas, individualmente, em duplas ou trios, para comparar os momentos de início e fim do processo. A coleta foi realizada com 13 meninas do curso, fazendo 9 perguntas para cada uma delas. Os questionamentos foram formados pelos alunos de graduação e mestrado envolvidos na pesquisa, além dos orientadores.

Ao desenvolver estas questões, foi possível entender o centro da relação entre as participantes e o Laboratório de Comunicação. Durante as conversas, houve modificações no modo como as perguntas eram feitas, adaptando-se ao perfil de cada menina, mas nunca alterando o objetivo de cada item, visando uma mais fácil e organizada decupagem.

Ao decupar o material recolhido, os resultados foram reunidos em três grupos, com base no modo em que cada menina reagiu ao Laboratório e em como aplicaram o aprendizado em sua rotina: “*Motivação, Inspiração e Frustração*”. As entrevistas foram

o método principal de coleta desse material, mas a observação presencial das atividades foi de grande importância para a compreensão dos depoimentos e uma análise completa.

## 5. Da interpretação das entrevistas: os três subgrupos

A discussão partiu de trechos seletos de depoimentos das participantes categorizados nos grupos. A partir daí, construímos os impactos do Laboratório nas vivências das meninas inseridas na ESCCA. No grupo da Inspiração, observamos meninas que não pensavam num futuro após a escola (ou em interesses pessoais como importantes) antes de interagir com as cientistas na produção do podcast. Após, elas desenvolveram posicionamentos mais firmados, começaram a se inserir em modelos futuros, como matemáticas ou médicas *“Eu ficava pensando muito, mas não sabia o que fazer. Depois do Podcast e das coisas que aprendi, fiquei pensando na engenharia. Gosto muito de matemática porque me deixa confusa. Gosto de coisas assim.” (P2).*

No grupo “Motivação”, as meninas já pensavam em seus futuros e se engajavam nas atividades, mas dentro de suas dinâmicas sociais não tinham prospecções completas sobre sonhos ou interações com mulheres nas carreiras desejadas. Após as dinâmicas, foram motivadas a seguir com os planos. *“Achei massa quando vi que estão aumentando as mulheres na engenharia. Quero ser perita, e você não vê muitas mulheres peritas, são mais homens. Então já fiquei na expectativa de conseguir, fiquei estimulada.” (P4).*

Em “Frustração”, observamos o real impacto do Laboratório no semestre. Nele encontraram-se meninas que não participaram por faltarem às aulas durante o processo, mas sim do momento em que escutamos os episódios dos Podcasts. Não só observamos uma apatia diante do tema, como uma separação entre o comportamento deste grupo em relação aos outros. Hábitos de reclusão e reações como vergonha ou incredulidade, diante da possibilidade de usarem suas vozes nos Podcasts, por exemplo. Assim, reunimos aqui as não-participantes. *“Acho que não teria conseguido fazer, sou muito envergonhada. E acho que não sou interessada em ciência.” (P8)*

## 6. Das conclusões parciais da experiência

Ao fim do primeiro semestre, a coleta de dados e análise foi bastante promissora. Estar em contato com as participantes na Oficina e outras dinâmicas foi essencial para chegar aos resultados parciais. Monitorar comportamentos das meninas, presencialmente,

foi de fato necessário. É relevante destacar esse ponto antes de adentrar nas percepções finais do projeto, já que é algo que se percebe como necessidade no último semestre. Com isso, catalogamos os dados de maneira positiva, e a possibilidade do agrupamento das meninas em três grupos foi uma característica de fato interessante, levando pesquisadores do Laboratório ao ponto principal: cada participante tinha uma voz. São meninas inseridas em famílias instáveis, que se encontram em posição de silenciamento e negligência. Mas cada uma chegou, mesmo que sutilmente, com ambições e sonhos. A oficina de Podcast foi a chave para essa percepção, desde a montagem do roteiro às entrevistas e gravação. Elas têm muito a dizer e compartilhar. São movidas pela genuína curiosidade interagindo com cientistas. Cheias de voz e vida, muitas vezes não encontravam espaço para usá-las.

As cientistas foram outro fator interessante: seu impacto nas meninas vistos nos grupos “Motivação” e “Inspiração” foi enorme. O termo “empoderamento” foi muito citado, sempre associado às profissionais que interagiram com as participantes. Conhecer pesquisadoras que enfrentam machismo, opressão, racismo e outros obstáculos impostos por homens foi impactante para ambos os grupos. Saber que alcançaram sonhos e seguem as carreiras, conquistando prêmios e posições de gestão, mesmo tendo experiências relatadas por elas foi importante. O empoderamento vem dessa identificação. *“Depois da oficina, aprendi a ser uma mulher empoderada. Quero fazer psicologia, mas se fosse para tentar algo na pesquisa, eu tentaria. Comecei a pensar que é possível” (P5)*. É o reconhecimento das possibilidades, a sensação do empoderamento diante de mulheres que atuam nas áreas onde queriam atuar no futuro. Em suma, esses foram os resultados analisados até então. Definidos em poucas palavras: cada participante pôde reconhecer que possui voz (que estava lá o tempo todo) e que a comunicação foi uma ferramenta para o empoderamento delas, gerado pelo reconhecimento de vozes, desejos e sonhos.

## REFERÊNCIAS

- BARBOZA, Eraldo Alves. **Exploração sexual da criança e do adolescente como trabalho escravo**. Novum Jus, v. 9, n. 1, p. 11-28, 2015.
- CASTRO, E. G; MACEDO, S.C. **Estatuto da Criança e Adolescente e Estatuto da Juventude: interfaces, complementariedade, desafios e diferenças**. Rio de Janeiro: Revista Direito e Práxis, 2019.
- LIBÓRIO, R. **Adolescentes em situação de prostituição: análise da exploração sexual comercial na sociedade contemporânea**. *Revista Psicologia*, 18(3), p. 413- 420, 2025
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- NALI, M. J. B. et al. **A eficácia do ECA e sua aplicação na saúde emocional e psicológica de crianças e adolescentes**. ID on line, v. 15, n. 57, p. 460-477, 2021.